



Forum Sociológico

Série II

21 | 2011

Transformação urbana

Editorial

Patrícia Pereira, Luís Vicente Baptista e João Sedas Nunes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/381>

ISSN: 2182-7427

Editora

CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2011

Paginação: 7-9

ISSN: 0872-8380

Referência eletrónica

Patrícia Pereira, Luís Vicente Baptista e João Sedas Nunes, « Editorial », *Forum Sociológico* [Online], 21 | 2011, posto online no dia 05 setembro 2012, consultado o 26 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/sociologico/381>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 Abril 2019.

© CICS.NOVA

Editorial

Patrícia Pereira, Luís Vicente Baptista e João Sedas Nunes

- 1 Neste número da *Forum Sociológico* avulta o dossiê “Transformação Urbana: Experiências Locais”. Ele resulta do encontro científico internacional com o mesmo nome, que decorreu em Novembro de 2010 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A iniciativa teve como objectivo contribuir para o debate em torno das Dinâmicas Urbanas e do Território, uma das linhas de investigação do Grupo de Trabalho: Mundos Sociais, Trajectórias e Mobilidades do CESNOVA.
- 2 Reuniram-se investigadores de diferentes disciplinas cujos trabalhos abordam transformações urbanas, analisadas a partir de experiências de pesquisa à escala local, em diferentes cidades e regiões metropolitanas. Ainda no âmbito deste evento, decorreu uma reunião de trabalho durante a qual estudantes de doutoramento tiveram a oportunidade de apresentar os seus projectos de investigação em curso, recebendo críticas e sugestões por parte dos conferencistas do dia anterior. Desse trabalho resultaram três textos que se publicam igualmente neste dossiê, dando corpo a uma iniciativa que promove o encontro entre o ensino ao nível pós-graduado e a investigação.
- 3 Pretendeu-se estimular a reflexão focalizada na escala local, mas que remete para outras escalas a partir das quais também tem de ser lida a realidade social urbana: a da metrópole, da região, do país ou ainda a da “armadura” de cidades com relações entre si. A correspondência entre tendências globais e, ao nível local e regional, a reestruturação dos espaços urbanos tem vindo a constituir um dos elementos mais destacados pela pesquisa das últimas décadas sobre a realidade urbana e metropolitana.
- 4 Os principais desafios das cidades e metrópoles contemporâneas são, por um lado, a concorrência a nível mundial para que estas se tornem atractivas como locais de residência e lazer para populações privilegiadas e como localização de empresas multinacionais e lugares centrais para os circuitos turísticos mundiais. A contrapartida desta dinâmica é igualmente crucial, lidar com a tendência para a segregação urbana e evidenciação das desigualdades sociais.
- 5 Da leitura atenta dos artigos coligidos no dossiê ressaltam diferentes elementos de uma mesma reflexão em torno destas questões e dos efeitos da desindustrialização, da globalização e da intensificação dos fluxos (de pessoas, mercadorias, informação/saber)

na forma de conceber, (re)construir, transformar, gerir e viver no quotidiano os espaços da cidade.

- 6 Tim Sieber e Maria Centeio retratam o Dudley Street Corridor, um bairro de Boston habitado por uma população etnicamente diversa e de fracos recursos socioeconómicos, onde, através da acção de uma associação local, os preços da propriedade imobiliária se têm mantido em níveis estáveis, promovendo-se dessa forma a estabilidade social. O artigo “Em defesa da comunidade local e da consolidação da democracia numa cidade em processo de globalização: um exemplo de Boston” mostra como a mobilização popular pode proporcionar recursos aos residentes que lhes permitam controlar o espaço do bairro, defendendo-o da fragmentação e alienação por parte de interesses e forças exteriores.
- 7 Em “Realojamento em zonas de fronteira urbana. O caso da Quinta da Vitória, Loures”, Rita d’Ávila Cachado aborda igualmente um contexto residencial, mas submetido a pressões de outro tipo: a erradicação de barracas e o realojamento das populações afectadas. O olhar sobre as práticas quotidianas dos residentes possibilita a transição para a escala da cidade alargada e a reflexão sobre questões associadas à porosidade das fronteiras urbanas, como a segregação residencial e as condições para a mobilidade.
- 8 A Marvila retratada no artigo João Pedro Silva Nunes em co-autoria com Ágata Dourado Sequeira apresenta-se como território residencial em transição pós-industrial mas também como área periférica passível de ser gentrificada pela acção criativa e cultural. “O Fado de Marvila. Notas sobre a origem cidadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa” procura dar a conhecer a forma como a memória colectiva é construída pelos residentes, como estes participam no destino dos seus espaços de vida quotidiana, e ainda como agentes dos poderes locais e associações implicadas nos circuitos culturais lisboetas operam na transformação do lugar.
- 9 De seguida, a partir de um evento cultural, artístico e político que transformou momentaneamente um espaço público estigmatizado num local de encontro e debate, Catharina Thörn, em “SpotCity: a arte e a política do espaço público”, foca o seu interesse na análise da Gotemburgo pós-industrial e pós-política. Um dos argumentos principais da autora é que a arte tende a estimular dois tipos de dinâmicas no desenvolvimento urbano: contribuindo para a imagem de marca da cidade, para a publicidade positiva que anula as desigualdades e que representa o espaço público como sendo harmonioso e seguro mas também contribuindo para a construção de um espaço público alargado, um espaço de política, onde as diferenças e os conflitos ganham visibilidade pela criação de uma publicidade crítica.
- 10 Transportando-nos para a Covilhã, Domingos Vaz discute também a imagem da cidade, mais especificamente a mobilização do capital simbólico da montanha para a estruturação urbana da cidade nesta fase contemporânea, caracterizada pelo declínio da actividade industrial ligada aos lanifícios. Em “Reinventar a relação cidade-montanha na Covilhã: uma discussão para a criação de uma nova marca urbana” apresenta-se ainda uma reflexão em torno das representações literárias e pictóricas da cidade enquadrada na montanha.
- 11 No seu artigo “Urbanizando pelo lazer: o caso do Algarve”, João Martins pretende analisar os processos através dos quais o Algarve se orientou económica, social e culturalmente para a satisfação dos anseios de lazer de um conjunto de viajantes. Apresenta igualmente

uma reflexão sobre os efeitos que a introdução deste fenómeno trouxe à região e às suas populações, materializando uma nova realidade urbana.

- 12 Alicerçado na observação de um bairro de habitação social da Área Metropolitana de Lisboa, o Bairro Amarelo em Almada, cujas génese e transformações nos são brevemente narradas, o artigo de Leda Barbio, intitula-se “Jovens (sub)urbanos: o impacto do *hip hop* na produção de identidades sociais”. Aborda o *hip hop* enquanto movimento social juvenil e forma de produção artística mas também como um conjunto de práticas quotidianas de jovens no contexto do seu bairro e das suas ruas, territórios investidos de valor simbólico elevado, patente nas próprias letras das músicas que criam, cuja apropriação se verte em reconhecimento e *status*.
- 13 O dossiê fecha com um artigo da autoria de Victor Meirinhos sobre a baixa de Lisboa, local de confluência de movimentos pendulares de acesso à capital, e onde, contrariando a tendência geral de diminuição do número de vítimas rodoviárias, se têm registado elevados níveis de acidentes envolvendo peões. Em “Mobilidade metropolitana: níveis de motorização e padrões de sinistralidade pedonal da cidade de Lisboa”, o autor apresenta como hipótese explicativa a ligação dessa zona da cidade a actividades de lazer nocturno, jovem e menos jovem, geralmente associadas à presença de consumidores de álcool e drogas.
- 14 A propósito do Encontro de que o dossiê, procede, notar-se-á ainda que contou com participação de Joan Pujadas, professor e investigador na Universidade de Rovira i Virgili (Tarragona), colaborador de longa data. Embora não tenha sido possível incluir a sua comunicação nestas páginas, é-lhe devido um agradecimento pela participação e a interessante intervenção sobre o bairro do Raval em Barcelona.
- 15 A par dos textos que integram o dossiê, este número contempla mais quatro estimulantes contributos.
- 16 No primeiro deles, intitulado “Associações científicas portuguesas: mapeamento e caracterização”, Ana Delicado, Luís Junqueira, Raquel Rego, Cristina Conceição e Inês Pereira focam-se nas associações citadas, mostrando que estas são permeadas por lógicas plurais: se, por um lado, produzem equivalências e similitudes entre actores com a finalidade de delimitarem e identificarem interesses que carecem de representação, ao mesmo tempo abrem para a polimorfia e heterogeneidade ao admitirem regularmente como sócios profissionais científico-técnicos com perfis diversos, estudantes e mesmo cidadãos sem (re)conhecida ligação à actividade científica; se, por outro lado, se constituem como espaços de intercâmbio de experiências entre pares de ofícios científicos, cumprem também a função de entreposto entre a esfera da prática científica e outras esferas de vida social, designadamente a mediática.
- 17 Ana Paula Gil e Ana Alexandre Fernandes, no texto seguinte, denominado “‘No trilho da negligência...’ Configurações exploratórias de violência contra pessoas idosas”, centram-se na vulnerabilidade que afecta os idosos, encarando-a numa dupla mas complementar perspectiva: as modalidades de atropelo à humanidade comum (se se quiser: de exploração dessa fragilidade) de que são objecto os idosos e a relativa indeterminação semântica que vai persistindo, entre os especialistas e nos instrumentos de medida que eles fabricam, acerca do que significa a *violência contra pessoas idosas*. Esta indefinição conceptual estorva a produção de um conhecimento não controverso acerca da dimensão real do problema, em consequência minando a possibilidade de concepção e

desenvolvimento de políticas públicas plenamente eficazes de protecção das pessoas idosas.

- 18 Por seu lado, António Pedro Dores, num texto que assume a forma de ensaio a que significativamente dá o nome de “Da ética artificial e da moral de Estado”, desafia a prática sociológica – ou mais rigorosamente: a teoria (do) social – a comprometer-se mais com o mundo social em vez de se insular no conforto da torre de marfim (académica). Para o autor essa exigência acrescida radica nas mudanças que o mundo social experimenta, mudanças das quais já nem é mais possível dar conta preservando o velho paradigma axiológico da ciência moderna. Rechaçada por uma prática científica que o autor crê timorata, essa translação será essencial sob pena de a ciência social, através das ferramentas cognitivas que mobiliza, se acantonar em esfera de vida social idealizada e fechada em si mesma, alheia ao mundo social, muito especialmente às violências institucionais e às formas de promover socialmente sentimentos de justiça.
- 19 Por último, Filomena Santos, em “Perfis de coabitação em Portugal”, propõe-nos restituir a coabitação conjugal segundo quatro ideais-tipo: o moderno, o de transgressão, o de experimentação e o de tradição, caracterizando-os em termos das variáveis tradicionais da abordagem sociológica – género e classe social –, mas também dos percursos biográficos dos protagonistas da coabitação e da (as)simetria de género vertida nas práticas e nos quadros normativos de referência pelos casais. O interesse deste texto reside tanto nesse apuramento diverso quanto no vinco que lhes confere equacionando os perfis desenhados em termos dinâmicos – ao longo dos percursos conjugais é possível ir de um a outro, inclusive sem rupturas críticas – e de clivagens de género quanto a essas mesmas dinâmicas.